

MARY WOLLSTONECRAFT E A REFLEXÃO SOBRE OS LIMITES DO PENSAMENTO ILUMINISTA A RESPEITO DOS DIREITOS DAS MULHERES*

Anadir dos Reis Miranda¹

Resumo: Este artigo trata da análise da obra *Vindication of the Rights of Woman* (1792) da escritora inglesa Mary Wollstonecraft. Nascida na segunda metade do século XVIII, Wollstonecraft teve uma trajetória bastante singular em relação à maioria das mulheres de sua época. Num contexto em que as mesmas eram submetidas quase que exclusivamente ao espaço doméstico, consideradas como incapazes de qualquer tipo de reflexão, ela alcançou um significativo reconhecimento como escritora e intelectual. Também desempenhou um importante papel no Iluminismo, pois além de ter sido uma participante ativa, formulou um discurso bastante singular e inovador sobre as mulheres. Diferente da maioria dos iluministas, Wollstonecraft defendia a igualdade entre os sexos. Em *Vindication*, ela levantou fortes críticas aos discursos iluministas que encaravam as mulheres como “naturalmente” inferiores em relação aos homens. Também questionou os estereótipos femininos vigentes naquele contexto e reivindicou um novo lugar para as mulheres. Nosso objetivo, nesse sentido, é recuperar as experiências desta autora, buscando entender como a mesma conseguiu formular suas idéias peculiares. Também procuraremos, através da análise de *Vindication*, compreender sua concepção sobre o feminino, particularmente os direitos que reivindicou para as mulheres.

Palavras-chave: Iluminismo; direitos femininos; escritoras.

¹ Mestre em História pela UFPR. Ministra aulas de História para o Ensino Fundamental e Médio.

**MARY WOLLSTONECRAFT E A REFLEXÃO SOBRE OS
LIMITES DO PENSAMENTO ILUMINISTA A RESPEITO DOS
DIREITOS DAS MULHERES¹**

Anadir dos Reis Miranda

O Iluminismo é caracterizado, principalmente, pelas críticas às bases do Antigo Regime. Criticava-se desde o pensamento teleológico, até as hierarquias tradicionais. Este fenômeno explica-se facilmente se pensarmos que o movimento das Luzes é o ponto culminante do processo de transformações que ocorreram, concomitantemente, no campo das idéias, com o processo de secularização do conhecimento, e no social, devido ao fortalecimento da sociedade civil. Ou seja, é no século XVIII que a crença no poder da razão e na autonomia de cada indivíduo, ou da humanidade em geral, em traçar seu próprio destino alcança seu ápice.

O Iluminismo crê na racionalidade, encarando-a como única e legítima fonte de autoridade. Neste sentido, quaisquer distinções estabelecidas, alheias ao exercício da mesma, seriam irracionais e

¹ Este artigo é resultado das reflexões levantadas ao longo da minha monografia de bacharelado, apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná

ilegítimas.² Esta lógica de pensamento engendrou fortes críticas aos privilégios e hierarquias tradicionais. Diante desta constatação não podemos deixar de nos perguntar se o pensamento das Luzes chegou a criticar uma das distinções mais naturalizadas em nossa sociedade, a existente entre os sexos.

Ao analisar os discursos iluministas sobre as mulheres percebemos que, nesse ponto, o pensamento das Luzes torna-se extremamente ambíguo e contraditório. Nos parece que mesmo declarando guerra aos preconceitos e às tradições, os filósofos ilustrados não conseguiram libertar-se deles no que se referia às mulheres.³

A filosofia iluminista se pautava na premissa da imutabilidade da razão, ou seja, na idéia de que ela seria una e idêntica para todos os seres humanos. Desta forma, podemos afirmar que o discurso das Luzes se mantinha na dimensão do universal, no sentido de acreditar que todos os indivíduos podiam se esclarecer, se emancipar dos

* Este artigo é resultado das reflexões levantadas ao longo da minha monografia de bacharelado, apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

² FALCON, Francisco J. C. **Iluminismo**. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 37.

³ Sobre os discursos iluministas sobre o feminino ver CRAMPE-CASNABET, Michele. “A mulher no pensamento filosófico do século XVIII”. In: DUBY, G. e PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente**. Do Renascimento ao Século das Luzes. Vol. 3, Porto: Afrontamento, 1994 e GODINEAU, Dominique. “A mulher”. In: VOVELLE, Michel. **O homem do Iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

preconceitos e das tradições.⁴ Ao referir-se às mulheres, entretanto, tornava-se paradoxal. Apesar de concebê-las como parte da espécie humana, o discurso iluminista afirmava que elas eram inferiores, tanto física, quanto intelectualmente, cabendo viverem sob o julgo da autoridade masculina, idéia incompatível com um dos mais importantes ideários iluministas, o referente ao uso autônomo da razão.

Não podemos pensar, entretanto, que esta visão sobre o feminino, apesar de dominante e de contar com representantes de peso, como os filósofos Rousseau e Diderot, tenha sido a única a surgir dentro do pensamento ilustrado. Pensadores como Condorcet, Helvétius e Mary Wollstonecraft apresentaram concepções distintas e, a nosso ver, em maior consonância com os ideários das Luzes. Todos estes defenderam a igualdade entre os sexos, mas sob enfoques diferenciados. A escritora inglesa Mary Wollstonecraft, por exemplo, não só defendeu esta causa, como criticou os estereótipos femininos vigentes naquele contexto, reivindicando um novo lugar às mulheres.

Tal autora, pouco conhecida fora dos círculos de estudos feministas, desempenhou um importante papel no Iluminismo. Além de formular um discurso bastante peculiar sobre o feminino, distinto daqueles que legitimavam o tradicional lugar das mulheres e mesmo daqueles que defendiam a igualdade entre os sexos, também

⁴ CASSIRER, Ernst. **Filosofia do Iluminismo**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1994, p. 23.

participou ativamente dos círculos radicais ingleses (locais onde se disseminaram os ideários iluministas no contexto inglês).

Podemos dizer que Wollstonecraft teve uma trajetória singular em relação à maioria das mulheres de sua época. Num contexto em que as mulheres eram submetidas quase que exclusivamente ao espaço doméstico, consideradas como incapazes de qualquer tipo de reflexão ou atividade intelectual, ela alcançou um significativo reconhecimento como escritora e intelectual, sobrevivendo muitos anos de sua escrita. Como se não fosse o bastante, também vivenciou e opinou em acontecimentos políticos importantes, como a Revolução Francesa.

Diante deste quadro, não poderíamos deixar de nos perguntar como ela conseguiu realizar tal proeza. Ou seja, como conseguiu exercer a atividade de escritora, função encarada como exclusivamente masculina naquele contexto? Ou ainda, ser independente economicamente, quando as mulheres viviam quase que exclusivamente sob a tutela do pai ou do marido, visto que não lhes era permitido exercer qualquer profissão, ou receber qualquer tipo de educação que subvertesse as atividades de esposa e mãe? Como conseguiu reivindicar a igualdade entre os sexos, ou criticar a situação feminina, num período em que todos, inclusive as próprias mulheres, encaravam o sexo feminino como “inferior”, tanto física quanto intelectualmente?

Neste artigo, pretendo recuperar a experiência desta autora. Procurarei examinar, como ela conseguiu formular suas idéias

peculiares, além de delinear em linhas gerais sua concepção sobre o feminino, em particular os direitos que reivindicou ao seu sexo. Neste intuito, me debruçarei sob um de seus mais importantes livros: *Vindication of the Rights of Woman*, importante obra de reflexões sobre a educação e os direitos das mulheres. Publicado em 1792, tal livro alcançou um sucesso significativo, não só na Inglaterra como também no resto da Europa e nos Estados Unidos. Como visto anteriormente, a maioria dos filósofos iluministas concebia um lugar diferenciado para o feminino, apesar de colocarem no centro do seu discurso a noção de sujeito universal e o princípio da igualdade. Em *Vindication*, Wollstonecraft questiona tal posição e evidencia muitos de seus paradoxos e limites.

Para compreender a trajetória desta mulher tão incomum, partiremos da premissa de que o que lhe permitiu desenvolver suas idéias singulares foi o fato dela ter conseguido perceber que as relações sociais de sua época estavam transpassadas por diferenças de gênero e, principalmente, que essas especificidades acabavam determinando largamente o lugar das mulheres naquele contexto, inclusive o dela própria. Dessa forma, procuraremos compreender como se deu esse processo de “desvelamento”. Para tanto, se faz necessário entender de forma mais ampla sua participação nos círculos radicais e dissidentes ingleses, pois foram nesses espaços que ela teve oportunidade de entrar em contato com saberes negados comumente às mulheres daquele contexto.

Pensamos ser importante ainda, analisar alguns aspectos relacionados à trajetória pessoal de Wollstonecraft, ligados às dificuldades que ela enfrentou por ser um indivíduo do sexo feminino. Com tal tipo de abordagem, procuraremos explicar como uma trajetória individual singular, tornou possível o despertar de uma consciência crítica em relação a um modelo social e cultural de “ser mulher”, ratificado e legitimado por um sistema de valores e costumes arraigados naquele contexto.⁵

Trajетória de uma escritora no século XVIII

Mary Wollstonecraft nasceu em 27 de abril de 1759, na Inglaterra. Pertencente à classe média inglesa, durante os anos decisivos de sua primeira infância e adolescência se moldou aos tradicionais valores e comportamentos colocados às mulheres dessa nova classe ascendente. A educação formal que Mary e as suas irmãs receberam foi extremamente precária quando comparada à destinada ao primogênito dos Wollstonecraft. Segundo TOMALIN, nossa autora recebeu toda sua instrução em uma *day school* (escola diurna, sem internato), já seu irmão mais velho estudou em uma *grammar school* (escola de ensino secundário). Podemos afirmar, dessa forma,

⁵ Para a análise da vida e da obra de Wollstonecraft, nos basearemos nos trabalhos de TOMALIN (1993) e BURDIEL (2000), a primeira nos possibilita uma visão ampla do contexto e da vida de nossa autora, a segunda faz um estudo mais analítico das obras da mesma.

que Wollstonecraft não se viu obrigada a dominar as duvidosas artes de uma senhorita de internato, aprendendo, no entanto, pouco mais que a ler e escrever. Era comum no período idealizar caminhos específicos para os filhos de sexos diferentes. Os pais de Wollstonecraft, por exemplo, desejavam para o filho varão a carreira de leis e para o restante das filhas, certamente, um matrimônio vantajoso.⁶ Isso explica o despreço que demonstraram pela educação de Mary e suas irmãs, e a predileção que destinavam ao filho, àquele que caberia levar o sobrenome familiar para a posteridade.

Com a morte do avô de Mary, no ano de 1765, a família começou a passar por dificuldades financeiras. A desastrosa gestão patrimonial de seu pai arrastou toda a família, com a privilegiada exceção do filho mais velho que havia recebido a herança diretamente do avô, para a ruína econômica.

A ruína familiar colocou Wollstonecraft em uma situação que, dada a inexistência de um dote suficiente, a impedia de contrair um matrimônio de acordo com as aspirações alimentadas por uma jovem educada para a classe média com pretensões. Além disso, naquele momento Wollstonecraft não parecia inclinada a encarar com bons olhos tal instituição. O conturbado relacionamento de seus

⁶ TOMALIN, Claire. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona: Montesinos, 1993, p. 20.

pais⁷ e posteriormente as dificuldades matrimoniais enfrentadas por uma de suas irmãs a levou a afirmar, em muitas de suas cartas de adolescente, que não se casaria jamais.⁸

Podemos dizer que o lado obscuro da “mulher decente” e do ideal de matrimônio colocado pela maioria dos iluministas, como comunhão hierarquicamente disposta de dois espíritos dedicados ao bem comum, se mostrou com todo o seu rigor a, quem anos mais tarde, criticaria tão ardentemente tal modelo.

Descartado o matrimônio, as possibilidades que a sociedade daquela época oferecia a alguém como Wollstonecraft, que se encontrava às margens de sua classe, eram reduzidíssimas: dama de companhia, professora em alguma paróquia ou governanta. Todos estes ofícios Wollstonecraft exerceu, devido ao que a partir de então, por necessidade e por convicção, se converteu na motivação principal de sua vida: a independência econômica.

⁷ São conhecidas e amplamente difundidas as violências físicas e verbais que Edward Wollstonecraft, pai de Mary, exercia sobre a mulher e os filhos. Sua mãe representava o típico exemplo de submissão, obrigada ou voluntariamente cega, que muitas mulheres sofriam e cultivavam ao longo de suas vidas. Cf. BURDIÉL, Isabel. “Introducción” In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Vindicación de los derechos de la mujer**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000, p. 25.

⁸ Conforme TOMALIN, nesse período de sua vida Wollstonecraft desenvolveu uma postura de repúdio em relação ao sexo oposto e à feminilidade tradicional. Posteriormente abandonaria tal ponto de vista, rechaçando-o em *Vindication*, mas no momento tudo a conduzia a defendê-lo. Cf. TOMALIN, *op. cit.*, p. 36.

Segundo BURDIEL, dizer que Wollstonecraft foi, ao menos em parte, o produto de uma “mulher decente” malograda por circunstâncias alheias à sua vontade não é uma provocação, nem uma explicação psicologista. É tentar explicar como o vazio criado pela perda desse modelo podia, na maior parte dos casos, levar à passividade, mas também a um ardente esforço de crítica e de resistência em relação ao mesmo. Desse esforço foi se formando uma identidade particular, forjada através de iniciais identificações e resistências; conscientizando-se, paulatinamente, das contradições inerentes ao ideal feminino vigente naquele contexto, que idealizava para as mulheres unicamente o matrimônio e o julgo masculino.⁹

Entre 1778 e 1787, ou seja, entre seus 19 e 28 anos de idade Wollstonecraft foi, sucessivamente, dama de companhia, professora em uma escola para senhoritas, estabelecida com suas irmãs e, finalmente, governanta de uma família aristocrática. Podemos dizer que experimentou todos os sucessivos papéis que as regras de decência de sua época lhe teriam reservado.

Uma experiência que, sem dúvida, adotou com um tom de rebeldia que não devia ser precisamente comum a outras mulheres em sua situação. Entretanto, o primeiro desafio realmente direto e absoluto às convenções sociais foi o famoso episódio, planejado por Wollstonecraft, da fuga de sua irmã Elisa de um matrimônio infeliz. Tal episódio é revelador da natureza da família e da indefinição legal da mulher naquele contexto. Esta, não somente carecia de identidade

⁹ BURDIEL, *op. cit.*, p. 26-27.

própria no plano jurídico e no econômico ao contrair matrimônio, segundo as leis da época, seus filhos pertenciam ao marido e a possibilidade de divórcio era extremamente custosa e difícil.¹⁰

Segundo TOMALIN, tal episódio foi, provavelmente, sentido por Wollstonecraft como um golpe contra todos os maridos tirânicos, contra seu pai e seu prepotente e hostil irmão¹¹ ou mesmo contra todos os homens que se advogavam superiores por direito divino e desfrutavam de heranças, educação e carreiras profissionais, privilégios comumente negados às mulheres. Podemos dizer, nesse sentido, que tal desafio não se deu somente no nível pessoal. Era característico de Wollstonecraft, sua capacidade e insistência em pensar-se a si mesma tentando transcender-se, buscando uma explicação social para suas experiências privadas.

Duas aventuras intelectuais foram decisivas na quase autodidata formação, de quem havia recebido, inclusive para os padrões da época, uma educação formal especialmente precária. A primeira delas foi o contato que Wollstonecraft manteve durante os anos como diretora da escola de Newington Green (1783-1786) com o famoso círculo reformista criado em torno do pastor dissidente

¹⁰ *Idem*, p. 28.

¹¹ É amplamente conhecido o desentendimento que sempre marcou o relacionamento de Mary como seu irmão Ned. Conforme seus biógrafos, isso se deveu tanto ao tratamento diferenciado que o último sempre recebeu, fato que sempre provocou indignações em Mary, quanto ao fato de Ned ter praticamente abandonado a responsabilidade de manter as irmãs, apesar de ser o que sempre esteve em melhor situação financeira. Cf. TOMALIN, *op. cit.*, p. 28.

Richard Price, autor do sermão a favor da Revolução Francesa que enfureceria Edmund Burke e provocaria suas famosas *Reflexões*.

Os dissidentes, termo que englobava a todos os fiéis protestantes não membros da Igreja da Inglaterra, excluídos legalmente dos direitos civis, do acesso a cargos públicos e das universidades, constituíram sem dúvida um dos focos mais homogêneos e ativos em torno do qual foi se criando o radicalismo político da classe média inglesa no período. O círculo que Wollstonecraft frequentou em Newington Green pertencia em sua maioria a Igreja Unitária e cultivava uma tradição de “cristianismo racional”¹² que insistia no livre uso da razão na prática religiosa e, em termos teológicos, negava a divindade de Cristo e o ministério da Santíssima Trindade.

Os dissidentes racionalistas, herdeiros em grande parte do empirismo de Locke e do puritanismo calvinista, acreditavam firmemente na perfectibilidade humana através da educação, no esforço, na sobriedade e no autocontrole individual. Algo que, em

¹² A luta contra a tradição religiosa, uma das principais características das Luzes, não assumiu em todos os países a mesma forma. Na França, por exemplo, tomou imediatamente uma direção hostil à Igreja. Nos países protestantes, entretanto, onde a tradição dogmática já vinha à séculos submetida a uma crítica sistemática, as coisas foram um pouco diferentes. As próprias Igrejas reformadas participaram da tendência no sentido de favorecer a valorização da razão, no livre exame das Escrituras e de se contrapor ao predomínio absoluto do dogma da fé. Cf. FORTES, Luiz R. Salinas. **O Iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 17.

muitos aspectos os tornava especialmente sensíveis às idéias radicais e ilustradas.

Podemos dizer, dessa forma, que as idéias que transitavam nos meios dissidentes foram muito importantes para Wollstonecraft, pois foi a partir delas que, certamente, se preparou para formular um pensamento crítico frente à sociedade. Além disso, a difícil situação social dos dissidentes, serviria como base para, posteriormente, Wollstonecraft criticar o lugar destinado ao feminino. Em *Vindication*, a mesma traçaria um paralelo direto entre as deficiências das mulheres e a dos dissidentes, e atribuiria os defeitos de caráter de ambos os grupos à opressão que se viam forçados a suportar. Ou seja, podemos dizer que tal pensadora se identificou com os dissidentes e que seus pontos de vista sobre os direitos humanos e a igualdade de oportunidades a estimularam a pensar os problemas do seu próprio sexo sob o mesmo enfoque.

A experiência de Wollstonecraft com os dissidentes também a levou a desenvolver o característico desapareço que eles cultivavam em relação aos comportamentos da aristocracia. Adquiriu, nesse sentido, a convicção plenamente dissidente e radical que era na classe média onde estava a maior parte da virtude e da felicidade, além da verdadeira educação.¹³

Outro ponto que não podemos deixar de destacar é que, conforme BURDIEL, os ambientes unitaristas eram especialmente propícios para que as mulheres a eles vinculadas pudessem

¹³ TOMALIN, *op. cit.*, p. 65.

desenvolver, com mais liberdade que em outros contextos, um certo sentimento de si mesmas e de sua capacidade de pensar de forma independente. O compromisso com as idéias de Locke e a firme crença no papel da mulher como moralizadora, fazia com que os unitaristas fossem mais sérios e ativos em relação à educação das meninas que outras igrejas protestantes. Isso permitiu a Wollstonecraft assentar algumas de suas idéias mais duradouras acerca do valor da educação na formação do caráter e das identidades individuais.¹⁴

No entanto, as idéias dissidentes continham também elementos de caráter menos libertador, visto que nesse contexto, a formação da identidade feminina confinava-se à produção e reprodução dos valores de sobriedade, autocontrole, abnegação e sacrifício que a nova classe média opunha à licenciosidade moral e ao despotismo aristocrático.

Outra experiência intelectual importante desse período foi sua apaixonada leitura do *Emílio*, de Rousseau. Como resultado desta leitura, e das idéias que entrara em contato nos meios dissidentes, surgiram suas duas primeiras obras publicadas: *Thoughts on the Education of Daughters* (1787), um guia de educação para meninas e *Mary* (1788), um romance sentimental.

Segundo BURDIEL, foram suas relações dissidentes que lhe sugeriram a possibilidade de explorar esse novo ofício de escritora. Naquele período, a produção literária feminina era extremamente

¹⁴ BURDIEL, *op. cit.*, p. 31.

restrita. Entre os âmbitos permitidos, estavam os manuais educacionais e as novelas sentimentais. Supunha-se então que as mulheres eram especialmente dotadas para discorrer sobre tais temas.¹⁵

A primeira obra de Wollstonecraft, *Thoughts on the Education of Daughters* (Pensamentos Sobre a Educação das Filhas), não diferia muito dos livros de conduta da época, dedicados a internalizar os valores de autocontrole e submissão que, teoricamente, garantiam o amor e o matrimônio às mulheres. Wollstonecraft inovou, entretanto, ao inserir a questão das escassas possibilidades de respeitabilidade social e de independência econômica que a sociedade de sua época proporcionava a uma jovem educada, mas de escassa fortuna que, por circunstâncias alheias ou por decisão própria, não chegava a se casar.¹⁶ Observamos, dessa forma, que Wollstonecraft já apresentava nesse livro algumas idéias que desenvolveria de forma mais consciente e elaborada em *Vindication*. Nos referimos, nesse sentido, à sua capacidade de assinalar as contradições inerentes ao tradicional discurso da “mulher decente”.

Sua segunda obra *Mary* foi escrita sob as mesmas influências intelectuais, mas num contexto completamente diferente. Sua grande

¹⁵ DULONG, Claude. “Da conversação à criação”. In: DUBY, G. e PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente**. Do Renascimento ao Século das Luzes. Vol. 3, Porto: Afrontamento, 1994, p. 484.

¹⁶ TOMALIN, *op. cit.*, p. 63.

amiga, Frances Blood, que morava em Lisboa e sempre tivera uma saúde delicada, encontrava-se extremamente doente. Diante dessa situação Mary abandonou a escola em Newington Green aos cuidados de suas irmãs e foi estar com sua amiga. Ao voltar, devido à morte de Frances, encontrou sua escola arruinada. Isso a obrigou a aceitar o último dos empregos “plenamente feminino” que haveria de desempenhar em sua vida: o de governanta de uma família aristocrática na Irlanda.

Nesse contexto Wollstonecraft se debruça com veemência ao que ela chamava de “meus estudos”, em especial à leitura das obras de Rousseau. Também é nesse meio, através da observação do modo de vida aristocrático, que ela arrefeceu seu desapeço, particularmente em relação aos costumes femininos.¹⁷

Para BURDIEL, a obra *Mary, a Ficção* retrata as mais recentes experiências vitais e intelectuais de sua autora: a dor da perda de sua amiga, a insegurança de sua posição social, seu desgosto moral e de classe em relação aos costumes aristocráticos e a leitura de Rousseau. Influenciada por tudo isso, Wollstonecraft tentou escrever um romance que se distanciava, em muitos aspectos, das novelas sentimentais do período. Seu principal objetivo era mostrar e provar a existência, ao menos na ficção, de uma mulher dotada da capacidade de pensar, cuja grandeza derivaria do exercício de suas

¹⁷ *Idem*, p. 66-90.

próprias faculdades, não subjugadas à opinião, mas sim produto de sua original força de vontade e originalidade.¹⁸

Um desenvolvimento mais consciente e elaborado de suas idéias e críticas em relação ao feminino só se tornaria possível, entretanto, quando Wollstonecraft entrou em contato com novas culturas e experiências. Estamos nos referindo, nesse sentido, à sua inserção nos círculos radicais ingleses. Foi devido à convivência em tal meio que conseguiu abandonar o campo doméstico e feminino das obras sobre educação e desenvolver uma postura crítica em relação às idéias do até então idolatrado Rousseau.

Depois de perder seu emprego como governanta, devido a desentendimentos com sua empregadora, Mary Wollstonecraft retornou a Londres e procurou Joseph Johnson¹⁹, o editor de suas primeiras obras.

Dirigiu-se a ele em busca de conselhos e ajuda para ganhar sua vida, pelo menos parcialmente, mediante seu recém estreado ofício de escritora. Suas esperanças foram, surpreendentemente, satisfeitas. Johnson lhe ofereceu de imediato a possibilidade de escrever e traduzir para sua editora durante tempo integral.

Joseph Johnson era um dissidente radical conhecido pelas críticas que fazia ao sistema estabelecido. Considerava de extrema importância o critério Iluminista de enfocar a edição como um eficaz

¹⁸ BURDIEL, *op. cit.*, p. 36.

¹⁹ Até então, Mary só tinha mantido contato com Johnson por carta. Cf. TOMALIN, *op. cit.*, p. 93.

método de elevar o nível moral e intelectual da sociedade, utilizando largamente sua editora nesse intuito. Ainda na década de 1780 se tornou distribuidor oficial da literatura dos unitários e se manteve em permanente contato com as academias dissidentes.²⁰ Como Johnson buscava promover as causas que lhe eram caras, sua editora logo contava com uma ampla e diversificada gama de escritores humanistas e radicais. Poucos grupos oprimidos da época deixaram de encontrar apoio em sua prensa: escravos, judeus, mulheres, dissidentes, pessoas privadas de sua cidadania, ou simplesmente pobres e miseráveis.

Além disso, Johnson, como a maioria dos editores do período, tinha consciência da importância de se manter um acolhedor salão de convidados. Intelectuais como Thomas Christie, William Blake, Tom Paine, Joseph Priestley, William Godwin, entre outros, associados a projetos e simpatias reformistas, eram presenças constantes no

²⁰ Proscritos das universidades, os dissidentes haviam aberto suas próprias academias, que se mostraram notavelmente superiores às tradicionais. Ofereciam com exclusividade o ensino de história, ciência e economia, sugeriam um enfoque crítico dos textos bíblicos, além de cultivar o pensamento especulativo e o debate das questões religiosas. Através de várias academias inglesas desse tipo se desenvolveu uma verdadeira inteligência. Uma grande parte dos futuros amigos e conhecidos de Wollstonecraft procederam das citadas academias. Estas eram certamente verdadeiros viveiros de revolucionários, formadoras de estudantes instruídos para abordar qualquer questão com uma visão crítica e para julgar as instituições antes por seus méritos que pela autoridade ditada pela tradição. Cf. TOMALIN, *op. cit.*, p. 64.

círculo que se formou ao redor de Johnson. A casa editorial de Johnson era uma espécie de clube, onde os visitantes tinham uma boa acolhida e podiam conversar e trocar idéias comodamente.²¹

Sua casa editorial se constituiu, dessa forma, em um ponto de encontro e difusão da intelectualidade radical e dissidente londrina, profundamente imbuída dos ideais ilustrados em suas múltiplas vertentes, e simpatizante do movimento a favor da reforma constitucional em Inglaterra que tomava corpo naqueles anos em torno das sociedades constitucionais e de correspondência.²²

²¹ TOMALIN, *op. cit.*, p. 101.

²² Nos últimos anos da década de 1780 surgiram em Inglaterra, devido em grande parte à influência revolucionária francesa, associações patrióticas e revolucionárias cuja reivindicação principal geralmente se resumia em três pontos: sufrágio universal, representação igual e renovação anual do Parlamento. Havia grupos radicais e moderados, representando as mais variadas classes, inclusive o operariado londrino. Quando eclode a Revolução, existe entre Inglaterra e França um abismo histórico que, de fato, deixa a primeira a salvo das convulsões da segunda. Enquanto em França a Igreja possuía uma parcela considerável do solo, na Inglaterra grande parte dos domínios da Igreja já haviam sido secularizados desde 1688. Quanto à burguesia francesa, era se opondo à nobreza a aos seus privilégios garantidos pelo monarca que tinha chance de conquistar seus direitos, ao passo que na Inglaterra a nobreza e a burguesia já estavam há muito aliadas para conter os poderes do rei, e as camadas populares se contentavam em viver à sombra dessa venturosa aliança. Da mesma maneira, a Grã-Bretanha dispunha há séculos de um sistema de representação legal, com uma Câmara dos Comuns de passado brilhante e, por mais que imperfeita que fosse esta representação, era possível corrigi-la sem graves transtornos, enquanto em França tudo estava por ser conquistado através de muita luta. No entanto, a influência revolucionária

Newington Green havia proporcionado a Wollstonecraft uma antecipação desse modelo de pessoas e conversações, mas em *Saint Paul's Churchyard* (nome da casa editorial de Johnson) não havia tantas viúvas e cléricos exigir o “bom tom”, além disso, a geração mais jovem estava muito mais predisposta ao ócio intelectual e à ruptura com o tradicional. Leitores assíduos dos filósofos franceses, defendiam em sua maioria, a perfectibilidade da espécie humana como complemento filosófico da reforma política. Acreditavam ainda, que os progressos na educação e a reestruturação formal da sociedade levariam a uma “Idade Dourada”.²³

Durante os anos que Wollstonecraft participou desse meio, sua atividade intelectual foi febril e intensa. Aprendeu a disciplinar sua mente e seus sentimentos²⁴ mediante um novo culto, uma nova religião, que marcaria a segunda grande influência intelectual sobre sua vida e obra: o culto à razão, de procedência notadamente

adentrou em solo inglês. VINCENT explica isso através de três fatores: uma prerrogativa real que, notadamente sob Jorge III, avançara incessantemente sobre os direitos dos comuns a ponto de comprometer um equilíbrio de poderes então único no mundo; um sistema eleitoral corrupto e mais que restritivo, onde a voz do povo não se fazia ouvir e o fato dos proletários, geralmente tão oprimidos, não conseguirem deixar de se sobressaltar ao ver os proletários franceses dobrarem o orgulho dos nobres, derrubarem a Bastilha e exigirem seus direitos. Cf. VINCENT, B. **Thomas Paine**: O revolucionário da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 151-153.

²³ TOMALIN, *op. cit.*, p. 101.

²⁴ Wollstonecraft era bastante conhecida por sua passionalidade.

iluminista e liberal. Convertida em uma escritora profissional, Mary Wollstonecraft embarcou em uma série de traduções, entre as quais se destacaram *De l'Importance des Opinions Religieuses*, de J. Necker, e a então muito famosa e comentada, *Physiognomy*, de J. K. Lavater.

Também colaborou ativamente em uma das empresas editoriais e intelectuais mais representativas da cultura radical no período: a *Analytical Review*. Fundada em 1788 por Johnson e Christie, se tratava de uma revista mensal dedicada à difusão das “novas idéias” entre o público culto da classe média através, principalmente, de resenhas críticas de uma amplíssima variedade de obras. Eclética, em um estilo plenamente Setecentista e ilustrado, aquela revista era um autêntico caleidoscópio onde se cruzava e discutia o variado mundo dos saberes e das artes que iam compondo a cultura burguesa. Trabalhando a pleno rendimento, Wollstonecraft chegou a publicar, ao longo de três anos, quase trezentas resenhas que incluíam novelas, obras de teatro, ensaios sobre educação, tratados políticos e religiosos, entre outros. Essa atividade intensa lhe proporcionou a independência pessoal que sempre buscara e a possibilidade de ampliar e completar sua educação.

Para BURDIEL, essa febril atividade de escritora transformou Wollstonecraft em uma escritora profissional, segura de si mesma, versátil, com um tom próprio e com uma capacidade dificilmente alcançada por outra pensadora de sua época, de conseguir fazer-se respeitada em um campo bastante competitivo.²⁵ Ainda assim, num

²⁵ BURDIEL, *op. cit.*, p. 41.

primeiro momento, a produção intelectual de Wollstonecraft se manteve no campo feminino dos tratados de educação para moças e crianças. O ano 1789, entretanto, marcaria uma reorientação vital na obra de Mary Wollstonecraft.

Foi o ano da Revolução Francesa. Para os radicais londrinos tal acontecimento constituiu o anúncio de uma nova era, o começo de uma humanidade mais livre, mais ilustrada e mais racional. As promessas trazidas pela Revolução afetaram a produção de vários radicais como Willian Godwin, Tom Paine, Willian Blake, entre outros. Wollstonecraft não foi uma exceção. Segundo BURDIEL, a revolução em França e os debates que suscitou no círculo de Johnson a fizeram revisar os preconceitos de seus primeiros anos, minando definitivamente seu respeito pela ordem estabelecida.²⁶

O impacto e o entusiasmo daquela nova promessa foi tal que levou Wollstonecraft a abandonar o campo doméstico e feminino das obras sobre educação e adentrar de forma veemente no duro debate político de sua época. Um debate e um espaço, masculinos por definição, que a converteram da noite para o dia em uma mulher famosa e reconhecida. A obra que marcou essa mudança tão significativa e importante foi *Vindication of the Rights of Men* (Reivindicação dos Direitos do Homem).

BURDIEL coloca que para se compreender plenamente o impacto que esse livro desordenado e apaixonado produziu em sua época, é necessário ter em conta não só a inédita e muito comentada

²⁶ *Idem*, p. 42.

incursão de uma mulher na política, mas também o tom e o caráter do debate em torno do qual foi escrito e publicado. Vimos que a Revolução Francesa avivou as discussões revolucionárias na Inglaterra. Na realidade, o que se observa é que tal debate toma forma de uma disputa entre *whigs*, *tories* e radicais em torno do legado da Revolução Gloriosa de 1688.²⁷

A querela começa em 1789, com o sermão do pastor dissidente, amigo e protetor de Mary, Richard Price. No intitulado *Discurso sobre o amor à pátria*, Price defende a tese de que a “revolução gloriosa” era um projeto inacabado, sua herança e espírito haviam sido sublimados pela permanência dos poderes hereditários, e pela intolerância da Igreja da Inglaterra. Reivindica, nesse sentido que, inspirando-se na insurreição francesa, “o inglês nascido livre” recuperasse o impulso radical de 1688 e lutasse pelo império da lei, da razão e da plena liberdade religiosa, civil e política²⁸

Em resposta, Edmund Burke, whig de idéias conservadoras, escreve o famoso discurso *Reflexões sobre a Revolução Francesa*, publicado em 1790. Burke toma uma posição diametralmente oposta a Price e faz-se defensor ardoroso da Revolução de 1688, defendendo as tradições e os direitos herdados.²⁹

As respostas a Burke não tardaram a aparecer, entre as mais autorizadas podemos destacar *Os direitos do homem* (livro que traz

²⁷ *Idem*, p. 43.

²⁸ VINCENT, *op. cit.*, p. 154.

²⁹ *Idem*, p. 161.

os principais ideários do radicalismo inglês), de Thomas Paine³⁰, e Investigação sobre a Justiça Política, de Willian Godwin.³¹

A obra de Wollstonecraft, *Vindication of the Rigths of Men* de 1790 foi, sem dúvida a primeira resposta. Nesta obra ela aparece como uma representante genuína do valor do esforço pessoal frente aos privilégios herdados, ligados à classe média ascendente em sua versão mais radical. Para BURDIEL, no entanto, o que a diferenciava dos radicais de sua época, era sua capacidade de começar a vislumbrar que o “assalto” à tradição não seria completo enquanto não se ousasse questionar a “naturalidade” da tradicional posição de subordinação das mulheres. Wollstonecraft começava a perceber a prática ideológica de sua sociedade e dela mesma como profundamente atravessada por diferenças de gênero. Naquele momento, sua crítica à situação das mulheres era uma crítica de caráter individualista cujo peso recaía sobre as próprias mulheres que, desde que alcançara sua nova superioridade intelectual, responsabilizava (individualmente) por manterem adormecida sua

³⁰ Thomas Paine (1737-1809) foi um dos personagens mais célebres do final do século XVIII. Amigo de Washington, Franklin, Jefferson, Lafayette, Danton, Condorcet, primeiro responsável pela diplomacia norte americana, banido da Inglaterra, deputado depois da Revolução Francesa, prisioneiro durante o Terror, Tom Paine é o grande teórico dos “direitos do homem” e um dos precursores da social democracia moderna. (Sobre a vida e obra de Paine ver VINCENT, *op. cit.*)

³¹ Willian Godwin foi um importante filósofo radical, cujas obras alcançaram sucesso e reconhecimento ainda naquele contexto.

razão.³² A discussão do caráter social do problema, ou seja, a idéia de que a situação da mulher não se devia a uma escolha individual, mas sim coletiva, que se devia em grande parte às diferenças de gênero implícitas naquele contexto, Wollstonecraft exporia em sua próxima e mais importante obra: *Vindication of the Rights of the Woman*, publicada em 1792.

Ao produzir *Vindication*, Wollstonecraft foi certamente influenciada pelas promessas trazidas pela Revolução Francesa. Esta representava, prática e simbolicamente, a possibilidade de uma mudança social radical, onde a igualdade de direitos reinaria absoluta. Mas que igualdade era essa onde só metade do gênero humano sairia beneficiado?³³ Certamente tal questionamento influenciou nossa autora, admitidamente radical e ilustrada. O ideário iluminista, por seu caráter abstrato, abria uma porta com relação à igualdade entre os sexos e seu necessário correlato social e político. Ou seja, a tradicional exclusão da grande maioria das mulheres da vida pública resultava muito mais evidente e questionável a partir do desenvolvimento de uma teoria política e de todo um pensamento filosófico que colocava no centro de sua reflexão o indivíduo, formalmente igual e livre das redes de hierarquia e dependência do Antigo Regime.

³² BURDIEL, *op. cit.*, p. 49.

³³ Sobre a discussão dos direitos das mulheres na Revolução Francesa ver BADINTER, Elisabeth. **Condorcet, Prudhomme, Guimar... Palavras de homens (1790- 1793)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

Podemos dizer dessa forma, que os contextos iluminista e revolucionário se mostravam propícios para a discussão sobre os direitos femininos. E realmente ela vai acontecer, tanto nos meios filosóficos, quanto nas assembléias revolucionárias.

Antes de Wollstonecraft, mulheres como Madame D’Epinay, Mary Astell, Lady Mary Montagu e Catharine Macaulay já haviam refletido sobre os direitos e a educação das mulheres. Também seus contemporâneos discutiram questões relacionadas a essa temática, como, por exemplo, Condorcet e Olimpe de Gouges, ambos participantes ativos da Revolução Francesa.³⁴

Para TOMALIN, parece plausível pensar que talvez Tom Paine tenha dado a Wollstonecraft, ainda que indiretamente, a idéia de escrever um livro sobre os direitos da mulher. Em Paris, onde ele passava boa parte de seu tempo, mantinha uma estreita amizade com Condorcet, e sem dúvida não lhe passou despercebido a veemente defesa que o filósofo fazia da igualdade de direitos educativos e civis para as mulheres. O tema estava no ar e reclamava uma defesa sem demoras na Inglaterra. Não valeria a pena Wollstonecraft escrever uma segunda *Vindication*, só que desta vez a favor das mulheres?³⁵

Vindication of the Rigths of Woman teve uma acolhida surpreendentemente boa, não só na Inglaterra como também no resto da Europa e Estados Unidos. Wollstonecraft estava no ápice de seu êxito como escritora: havia elaborado uma obra original e

³⁴ *Idem*, p. 8-9.

³⁵ TOMALIN, *op. cit.*, p. 133.

profundamente sentida. Trinta anos de inquietações destiladas em seis semanas de árduo trabalho.

Ao mesmo tempo em que escrevia *Vindication of the Rights of Woman*, Wollstonecraft estava experimentando, no estritamente pessoal, as tensões que com tanta veemência havia descrito a respeito da educação sentimental das mulheres e de suas dificuldades para conciliar os critérios da razão, da virtude e do amor. A causa dessas inquietações era seu crescente interesse por um pintor de origem suíça, Henri Fuseli, que freqüentava o círculo de Johnson.

Fuseli, engenhoso e de modos excêntricos e provocadores, tinha uma cultura ampla e versátil e uma considerável capacidade para atrair a atenção sobre sua pessoa e suas, quase sempre heterodoxas, opiniões. Quando conheceu Wollstonecraft, tinha quarenta e sete anos e ela vinte e nove, mas com uma experiência praticamente nula em matéria amorosa e sexual. O que sabemos, de qualquer forma, é que Wollstonecraft estava experimentando, contra sua razão e sua vontade, uma paixão conflituosa pelo pintor. Segundo BURDIEL, o estado de nossa autora, se devia em parte ao estilo de vida sério e recatado em que havia vivido até o momento, aquele que as conveniências sociais impunham às mulheres solteiras. Provavelmente, afligida ao pensar que os melhores anos de sua vida estavam sendo gastos em uma desconfortável solidão, Wollstonecraft acabou se deixando atrair por Fuseli, apesar de suas convicções a respeito do domínio da razão sobre os sentimentos³⁶,

³⁶ BURDIEL, *op. cit.*, p. 84.

particularmente, daqueles que afligiam essencialmente o feminino. Segundo Wollstonecraft, por não serem levadas a exercitar seu entendimento, a maior parte das mulheres se transformava em seres sentimentais, controladas por suas paixões e sensações. Além disso, através de romances, músicas e poesias também eram levadas a cultivar noções românticas do amor, ou seja, a achar que o objetivo principal de suas existências consistia em despertar a paixão “daquele que seria seu marido”. A nosso ver, estas restrições e ambigüidades próprias de Wollstonecraft no que diz respeito a algum tipo de envolvimento amoroso, e o fato de Fuseli ser um homem casado, certamente contribuíram para que o relacionamento entre os dois não se efetivasse.

Para BURDIEL, esse *affair* nos possibilita vislumbrar um pouco das contradições que Wollstonecraft teve que enfrentar devido a suas escolhas pouco ortodoxas em relação ao ideal feminino vigente naquele período. Também nos permite compreender que suas idéias sobre os poderes que os “encantos femininos” (ligados a uma conveniente submissão e falta de desenvolvimento intelectual) proporcionavam às mulheres, e a conseqüente redução das mesmas a objetos sexuais, ou mesmo a fascinação que as mulheres assim “socializadas” podiam exercer sobre os libertinos; não eram somente o produto de um intelecto desencarnado que, como afirmava Wollstonecraft em *Vindication*, se propunha a discutir a questão feminina objetivamente. Eram reflexos da realidade, que devido a sua

condição de mulher, Wollstonecraft vivenciara e, no seu caso particular, combatera ardentemente.³⁷

Com o fim de sua relação com Fuseli, Wollstonecraft acabou por satisfazer um antigo desejo, o de visitar a França e descobrir por si mesma de que forma estava se desenvolvendo “o novo milênio”, afastando-se assim do objeto de seus atormentados sentimentos.

Na França, nossa autora ingressou no círculo de radicais estrangeiros que como ela, buscavam vivenciar a Revolução de perto. Também conheceu grandes figuras da época e entabulou amizade com as damas girondinas, que foram as grandes defensoras pelos direitos femininos no período revolucionário.

Neste contexto escreveu *A Historical and Moral View of the Origin and Progress of the French Revolution and the Effect it has Produced in Europe*, publicado por Johnson em 1794. Em tal obra, Wollstonecraft procurou relatar suas experiências no período. Esta pode ser definida, entretanto, mais como um ensaio bibliográfico sobre as origens do fenômeno revolucionário.

Nos círculos radicais que freqüentava, Wollstonecraft conheceu o americano Gilbert Imlay, antigo oficial do exército que lutou contra os ingleses pela independência das colônias americanas, suposto autor de uma novela intitulada *The Emigrant*. Segundo BURDIEL, no ambiente muito mais relaxado sexualmente da França revolucionária, a Wollstonecraft ingênua e de rígida moral, começou a encarar emocional e intelectualmente “negociáveis” os imperativos

³⁷ BURDIEL, *op. cit.*, p. 86.

da razão e do sentimento.³⁸ O certo é que, abertamente, se transformou na amante daquele americano e com ele teve uma filha.³⁹

Depois de um algum tempo de relacionamento até certo ponto estável, Imlay acabou por abandonar Wollstonecraft e a filha. Diante dessa situação, Wollstonecraft teve que enfrentar um difícil momento, principalmente, para uma mulher como ela, que fizera as escolhas que fizera. Referimo-nos, nesse sentido, às contradições intelectuais e emocionais que Wollstonecraft se viu obrigada a enfrentar ao mesmo tempo. É plausível dizer que o abandono de Imlay auxiliou para arrefecer a paixão que ela sentia por ele. Isso, certamente a levou a questionar a preeminência dos sentimentos sobre a razão. Ou seja, ela que sempre criticara as mulheres que colocavam as satisfações das paixões acima de tudo, agora se encontrava no mesmo estado, a mercê do amor passional, como que

³⁸ Neste período Wollstonecraft escreveu uma das suas mais belas obras: *Letters Written during a Short Residence in Sweden, Norway and Denmark* (1796). Esta obra marca uma importante mudança no seu pensamento. Tais cartas são uma espécie de réplica às passagens mais moralistas e racionais de *Vindication* e, ao mesmo tempo, são também antíteses do sentimentalismo entendido como abnegação e sofrimento de sua primeira novela *Mary*. Pela primeira vez em sua obra parece que chegou a uma reconciliação possível entre “razão e sentimento” ou ao menos, na aceitação do último como parte integrante, ou atuante, das verdades sobre as quais sempre quis indagar, experimentar e conhecer. Cf. BURDIEL, *op. cit.*, p. 90.

³⁹ *Idem*, p. 89.

impossibilitada de fazer uso de sua razão. Além disso, também estava vivenciando a experiência materna e, sem dúvida, percebendo quão difícil era conciliar as atividades intelectuais às de mãe. Podemos dizer, nesse sentido, que muitas das idéias que Woolstonecraft fora amadurecendo desde a adolescência, em relação às possibilidades de “ser mulher”, pareciam abstratas e inadequadas quando confrontadas à realidade em que vivia.

Virginia Woolf, no início do século XX, ao falar das mulheres escritoras, conseguiu delinear com maestria as dificuldades, ambigüidades e tensões que as mulheres que aspiravam à criação intelectual tinham que enfrentar. Ela lembrava, nesse sentido, que a criação exige concentração, paz, sossego. Exigências difíceis de serem satisfeitas pelas mulheres, destinadas a cuidar de filhos que choram e exigem atenção constante. Além da paz, segundo Woolf, também é necessária independência econômica, para as necessidades básicas não atrapalharem a “criatividade”, para se ter autonomia na hora de se fazer escolhas. Woolf também coloca que as mulheres escritoras viviam num conflito constante, debatendo-se entre suas aspirações e o que a sociedade esperava delas. Sofriam, ainda, toda sorte de desestímulos. Sempre vistas como dependentes e incapazes, as mulheres eram levadas a não acreditarem na suas potencialidades. Podemos dizer, dessa forma, que, ao produzir, as mulheres tinham que travar uma luta consigo mesmas e com a sociedade, um tipo de ação que muitas vezes as levava ao desespero. Ao discorrer sobre as mulheres talentosas do século XVI, Woolf afirma:

A mulher, portanto, que nascesse com a veia poética no século XVI era uma infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições de sua vida e todos os seus próprios instintos conflitavam com a disposição de ânimo necessária para libertar tudo o que há no cérebro.

(...) qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, ter-se-ia matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada.⁴⁰

Wollstonecraft experimentou todas estas tensões sublinhadas por Woolf, mas no período em questão as tensões chegaram a tal ponto que a fizeram recorrer ao suicídio. Ao se jogar no rio Tamisa, com este intuito, Wollstonecraft teve seus planos frustrados, pois foi salva por dois pescadores. Depois desse episódio lamentável, entretanto, como sempre sua grande força de vontade a ajudou a superar e continuar.

Recuperada de sua tentativa de suicídio e de seu amor infeliz por Imlay, travou uma profunda amizade com o então famoso Willian Godwin, que logo se transformou em amor. Como resultado, Wollstonecraft engravidou novamente. Os dois filósofos, apesar de se colocarem contra o matrimônio publicamente, acabaram se casando. Não tiveram tempo de arrepende-se da decisão. Quatro meses

⁴⁰ WOLFF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 65-67.

depois do casamento, no ano de 1797, Wollstonecraft morria da mais feminina das mortes, ou seja, devido a complicações no parto. Devido a sua morte, Wollstonecraft não conseguiu vivenciar por muito tempo seu ideal de matrimônio, que ironicamente alcançara com Godwin, baseado na amizade e no companheirismo.

O fruto da união destes dois indivíduos tão singulares foi Mary Shelley, a criadora de uma das figuras mais perturbadoras da mitologia contemporânea, Frankenstein.

Reivindicação pelos direitos femininos

A pretensão de Wollstonecraft ao compor *Vindication of the Rights of Woman*, era introduzir no debate revolucionário⁴¹ a discussão dos direitos femininos, a partir da invocação dos princípios de liberdade e igualdade. *Vindication* não pode ser definido, entretanto, simplesmente como uma petição de direitos jurídico-políticos as mulheres.

O intuito de Wollstonecraft era abordar o que ela chamava de “o destino da mulher” a partir de uma perspectiva bem mais ampla

⁴¹ Wollstonecraft destina formalmente sua obra a Charles Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838); ex-bispo de Autun e político ativo durante a Revolução Francesa cujo *Rapport sur L'Instruction Publique* (1791) foi apresentado e discutido na Assembléia Constituinte. Cf. SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. “Revolução Francesa. A viragem”. In: DUBY, G. e PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente**. Século XIX. São Paulo: Afrontamento, 1991, p. 48-49.

que a exclusivamente política. Sua principal preocupação era discutir a questão da formação da identidade feminina, centrando sua argumentação na dimensão cultural da opressão das mulheres. Para ela, a “inferioridade feminina”, pregada majoritariamente entre os iluministas, era fruto da situação social das mulheres e não uma característica inerente às mesmas. Wollstonecraft não concebia a desigualdade ou a hierarquia naturais entre os sexos. Para ela, ambos apresentavam as mesmas potencialidades, pois compartilhavam o *dom* da razão:

E qué consiste la preeminencia del hombre sobre la creación animal? (...) en la Razón.

Qué dotes exaltan a um ser sobre outro? La virtud, replicamos com espontaneidade (...)

En consecuencia, la perfección de nuestra naturaleza y la capacidad de felicidad deben estimarse por el grado de razón, virtud y conocimiento que distinguen al individuo y dirigen las leyes que obligan a la sociedad. Y resulta igualmente innegable que del ejercicio de la razón manan naturalmente el conocimiento y la virtud, si se considera al género humano en su conjunto.⁴²

Observamos que Wollstonecraft estava profundamente imbuída pelo ideário iluminista, pois acreditava tanto na

⁴² WOLLSTONECRAF, Mary. **Vindicación de los Derechos de la Mujer**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000, p. 115-116.

imutabilidade da razão, quanto na sua capacidade de aperfeiçoar a espécie humana. Sendo a razão inerente a todos os seres humanos, todos teriam a capacidade de se esclarecer, de melhorar. O que os diferenciava, nesse sentido, era o quanto se aperfeiçoavam, o quanto alcançavam de virtude em relação aos outros.⁴³ Quaisquer distinções estabelecidas, alheias ao exercício da razão, seriam irracionais e ilegítimas. Partindo desse pressuposto, Wollstonecraft criticou o estabelecimento arbitrário de uma série de “distinções inaturais” que, ao seu juízo corrompiam o gênero humano em seu conjunto.

*Las absurdas distinciones de rango (...) corrompen casi por igual a las gentes de todas las clases, porque no se liga a respetabilidad al cumplimiento de las obligaciones pertinentes de la vida, sino a la posición, y cuando éstas no son satisfechas, los afectos no pueden alcanzar un vigor suficiente para fortalecer la virtud de la que son recompensa natural.*⁴⁴

Segundo Wollstonecraft, os privilégios e hierarquias tradicionais, baseados em argumentos alheios ao mérito pessoal e ao talento levavam, inevitavelmente, à corrupção das partes implicadas. Defensora dos ideais burgueses e radicais, Wollstonecraft acreditava

⁴³ Era majoritária entre os iluministas a idéia de que a natureza humana não era boa naturalmente, que se moldava através do exercício da razão. Cf. VOVELLE, Michel. **O homem do Iluminismo**. Lisboa, Editorial Presença, 1997, p 8-9. Wollstonecraft era adepta desse ideal, afirmava ela: “*todo ser puede hacerse virtuoso mediante el ejercicio de su propia razón*”. Cf. WOLLSTONECRAFT, *op. cit.*, p. 131.

⁴⁴ *Idem*, p. 317.

que o fortalecimento da mente e do caráter passava, necessariamente, pelo esforço individual, característico daqueles cuja grandeza derivava do exercício de suas próprias faculdades, não subjugadas à opinião, mas sim produto de sua original força de vontade. Por isso sua crença de que era nas classes médias onde se encontrava a maior parte da virtude e da felicidade e o seu despreço pelo modo de vida aristocrático.

(...) las semillas del falso refinamiento, la inmoralidad y la vanidad siempre han sido sembradas por los nobles. Seres débiles e artificiales, situados sobre os deseos y afectos comunes de su raza de modo prematuro e innatural, minan los cimientos mismos de la virtud y desparraman corrupción por la sociedad en su conjunto. Como clase de la humanidad, tienen el mayor derecho a la piedad; la educación de los ricos tiende a volverlos vanos e desvalidos; y el desarrollo de la mente no se fortalece mediante la práctica de aquellos deberes que dignifican el carácter humano.⁴⁵

Rousseauiana convicta nesse ponto, Wollstonecraft encara os costumes aristocráticos que prezam acima de tudo as honrarias, a reputação e a aprovação frente à opinião alheia, como alienantes, próprios de indivíduos reduzidos a não ser mais que uma máscara sem profundidade. Sempre fora de si, só sabiam viver baseando-se na opinião dos outros. Essas convenções abusivas, típicas da sociedade do Antigo Regime, limitavam e deformavam as relações sociais.

⁴⁵ *Idem*, p. 101-102.

Nestas, os indivíduos não eram julgados pelo quanto se esforçavam para melhorar e esclarecer mas sim pela posição que ocupavam, pelo que aparentavam.

A desigualdade que interessava a Wollstonecraft discutir, entretanto, era aquela que apesar de ser tão artificial quanto os privilégios e hierarquias tradicionais, era vista, inclusive entre os iluministas, como natural e legítima, ou seja, a desigualdade entre os sexos.

Segunda nossa autora, essa distinção arbitrária era tão prejudicial para a sociedade, quanto àquelas identificadas e criticadas pelo racionalismo ilustrado. Para Wollstonecraft, as mulheres de sua época não se encontravam em seu estado natural, e sim tão corrompidas quanto os nobres, pois assim como eles, viviam sob relações e convenções corruptas, alheias ao exercício da razão e ao desenvolvimento da virtude.

(...) las mujeres en general, al igual que los ricos de ambos sexos, han adquirido todos los vicios e insensateces de la civilización y han desechado sus frutos provechosos.

(...) las mujeres civilizadas están tan debilitadas pelo falso refinamiento, que respecto a la moral de su condición es muy inferior a la que tendrían si se las hubiera dejado en un estado más cercano a la naturaleza.⁴⁶

⁴⁶ *Idem*, p 189-190. Não podemos deixar de frisar a importância que as idéias de Rousseau sobre o “bom selvagem” (homem em estado natural) que “vive em si

Wollstonecraft explica ainda, que não eram somente as mulheres que estavam sendo prejudicadas por essa distinção artificial, mas o gênero humano em seu conjunto. Partindo dessa premissa, argumenta que na defesa do mérito individual frente aos privilégios herdados, era crucial que a distinção entre a verdadeira virtude e sua aparência afetasse também as mulheres, para que elas pudessem favorecer, em vez de frear, o progresso da humanidade.

*Es tiempo de efectuar una revolución en los modales de las mujeres, tiempo de devolverles su dignidad perdida y hacerlas trabajar, como parte da especie humana, para reformar el mundo, mediante su propio cambio.*⁴⁷

Podemos afirmar dessa forma, que diferente da maioria dos iluministas, Wollstonecraft não concebia a possibilidade de âmbitos separados ou alheios no exercício da razão e no desenvolvimento da virtude. Ela negava que a razão e a virtude pudessem ser diferentes para as distintas categorias de pessoas. Ao seu ver, a humanidade só poderia alcançar o ideal de perfeição que prometia o ideário ilustrado se suas grandes verdades fossem autenticamente universais. Segundo BURDIEL, virtude e razão não teriam, para Wollstonecraft, nem

mesmo” e o “homem artificial” (homem civilizado), reduzido pela degradação social a não ser mais que um parecer; tiveram sobre o processo de “desvelamento” de Mary em relação ao estereótipo da “mulher decente”. Estas a ajudaram diferenciar entre o “ser” e o “parecer”, entre a verdade e o engano, entre a virtude e a aparência de virtude. Cf. BURDIEL, *op. cit.*, p. 71.

⁴⁷ WOLLSTONECRAFT, *op. cit.*, p. 166.

gênero nem classe, e se os concebia “artificialmente”, convertiam a vontade universalista do projeto iluminista em uma “moralidade parcial”.⁴⁸

Ao encarar as mulheres como seres humanos racionais, capazes de se aperfeiçoarem através do exercício da razão, Wollstonecraft não poderia deixar de pensar numa questão fundamental nesse processo, a da educação.

*Para hacer al género humano más virtuoso y, por supuesto, feliz, ambos sexos deben actuar desde los mismos principios (...) Para hacer también realmente justo o pacto social, y para extender los principios ilustrados (...) debe permitirse que las mujeres fundamenten su virtud en el conocimiento, lo que apenas es posible si no se las educa mediante las mismas actividades que a los hombres.*⁴⁹

O problema da educação, do conhecimento, adquire assim sua conotação mais radical: implicava uma drástica revisão das convenções sociais, de maneira que as virtudes que o pensamento iluminista atribuía às mulheres pudessem ser submetidas à análise, definidas e praticadas de acordo com sua verdadeira natureza e a margem da “aparência das coisas”. Tratava-se nesse sentido, de questionar a “naturalidade” da definição social das mulheres e, a partir desse ponto de vista, desenvolver toda uma argumentação que vinha de encontro ao verdadeiro objeto de reflexão da obra: o caráter

⁴⁸ BURDIEL, *op. cit.*, p. 58.

⁴⁹ WOLLSTONECRAFT, *op. cit.*, p. 356-363.

artificial, social e culturalmente construído, das diferenças de valor e função entre os sexos.

As mulheres não se encontravam em seu “estado natural”

Como colocado anteriormente, Wollstonecraft não concebia a desigualdade e a hierarquia entre os sexos como naturais, mas sim tão artificiais quanto os privilégios herdados e as hierarquias tradicionais. Seriam, nesse sentido, igualmente prejudiciais à humanidade, particularmente às mulheres, transformadas em seres artificiais, débeis, mestras na arte das aparências e dos enganos.

Wollstonecraft atribuía esse estado “social” do feminino, essencialmente a dois fatores: a situação de extrema dependência em que as mulheres se encontravam e a educação que as mesmas recebiam⁵⁰, ambos resultantes da distinção (artificial) de tratamento dispensado aos dois sexos.

Segundo Wollstonecraft, desde a infância, as mulheres eram tratadas como seres frágeis e dependentes, levadas a acreditar que não podiam sobreviver sem a proteção e a supervisão dos homens. Quando pequenas, cabia ao pai ou, na falta deste, a algum outro parente do sexo masculino guiá-las e mantê-las. Ao crescerem eram

⁵⁰ Wollstonecraft era influenciada pelo empirismo de Locke, que defendia a influência do meio sobre a formação do indivíduo. Segundo BURDIEL, os trabalhos sobre educação desse pensador, são fundamentais para compreender as idéias de Wollstonecraft. Cf. WOLLSTONECRAFT, *op. cit.*, p. 334.

levadas a buscar a proteção masculina através do matrimônio. Às mulheres “*siempre se enseñã a buscar um hombre que las mantenga*”, afirma Wollstonecraft.⁵¹ Sua educação deveria primar, nesse sentido, por aprender a atrair, obedecer e agradar aos indivíduos do sexo masculino.

*Desde su infancia se les dice a las mujeres, y lo aprenden del ejemplo de sus madres, que un pequeño conocimiento de la debilidad humana, denominado justamente astucia, un genio suave, obediencia externa y una atención escrupulosa a una especie de decoro pueril les obtendrá la protección del hombre; si hermosas, no se necesita nada más (...)*⁵²

Esse tipo de educação, ao levar as mulheres a se preocuparem somente com sua conduta e aparência externa, moldando sua existência aos desejos masculinos, ao invés de exercerem seu próprio entendimento, as fazia desenvolver virtudes artificiais:

(...) en la educación de las mujeres, el cultivo del entendimiento siempre se subordina a la adquisición de ciertas dotes corporales.

(...) se recomiendan sin cejar la dulzura, la docilidad y el afecto servil como las virtudes fundamentales del sexo,

(...) de ellas sólo se esperan virtudes negativas, cuando se espera alguna: paciencia, docilidad, buen humor y flexibilidad,

⁵¹ *Idem*, p. 206.

⁵² *Idem*, p. 128.

*virtudes incompatibles con todo esfuerzo vigoroso do intelecto.*⁵³

Educadas para se preocuparem somente com o julgamento dos homens, davam maior importância à opinião destes, à conduta social, que àquela realmente importante para Wollstonecraft, a conduta moral. A mulher, diz ela, tem “*confundido virtud con reputación*”.⁵⁴

*Es el ojo del hombre lo que se les ha enseñado a temer (...) y ésta (a reputação), y no la castidad, con toda su bella comitiva, lo que emplean para mantener-se libres de mancha, no como una virtud, sino para conservar su posición en el mundo.*⁵⁵

Como frisado anteriormente, Wollstonecraft acreditava que era inerente a todos os seres humanos o dom da razão e, conseqüentemente a capacidade de se aperfeiçoar. Ao seu ver, as pessoas vinham ao mundo para melhorar através do exercício da razão e do controle das paixões. As mulheres, segundo ela, além de não serem julgadas por suas verdadeiras virtudes, mas sim por quanto se moldavam às imposições masculinas, vinham sendo impedidas de as desenvolverem, levadas a se preocuparem somente com sua existência presente. Diante disso, ela questiona a posição da mulher naquele contexto: “*Puede creer que sólo se la creó para*

⁵³ *Idem*, p. 133, 148 e 186, respectivamente.

⁵⁴ *Idem*, p. 299.

⁵⁵ *Idem*, p. 298.

someterse al hombre, su igual, um ser que, como ella, fue enviado al mundo para adquirir virtud?”⁵⁶

Wollstonecraft coloca ainda, que ao não se permitir às mulheres desenvolver suas verdadeiras virtudes, estas se transformam em seres viciosos, dominadas por suas paixões, ao seu juízo, corrompidas tanto quanto os nobres: a falta de entendimento leva “*ambos a volar de si mismos a los placeres escandalosos y las pasiones artificiales, hasta que a vanidad ocupa el lugar de todo afecto social y resulta difícil distinguir las características de la humanidad*”.⁵⁷

Buscando mostrar quão degradante era o estado em que se encontrava o feminino e o quanto o mesmo era prejudicial para a humanidade, Wollstonecraft questiona:

*Las mujeres pasivas e indolentes son las mejores esposas? Las mujeres que al obtener unas cuantas dotes superficiales han contribuido a fortalecer los prejuicios prevalecientes, contribuyen a la felicidad de sus maridos simplemente? Exhiben sus encantos sólo para entretenerlos? Y posee suficiente carácter para ocuparse de una familia o educar a sus hijos la mujer que desde muy pronto ha asimilado nociones de obediencia pasiva?*⁵⁸

⁵⁶ *Idem*, p. 200.

⁵⁷ *Idem*, p. 174.

⁵⁸ *Idem*, p. 149-150.

Para a autora, até mesmo as funções colocadas como essencialmente femininas, de esposa e mãe, eram afetadas pelo estado vicioso em que se encontravam as mulheres:

(...) la mente, debilitada de forma natural al depender de la autoridad, nunca ejercita sus poderes propios y, de este modo, la esposa obediente se vuelve una madre débil e indolente.

La atención sexual del hombre actúa de modo particular sobre a sensibilidad femenina, y este sentimiento se ha ejercitado desde su juventud en adelante. Un marido no puede prestarle ya atención con la pasión necesaria para excitar vivas emociones y el corazón, acostumbrado a ellas, se vuelve hacia un nuevo amante o languidece en secreto, víctima da la virtud o la prudencia.⁵⁹

Mas por que as mulheres se submetiam a essas imposições sociais “degradantes”? Segundo a autora, a situação social em que as mesmas se encontravam quase não lhes possibilitava outras escolhas. Educadas exclusivamente para o casamento, negado-lhes os direitos profissionais, civis e políticos, não lhes restava outra possibilidade, a não ser viver sob o julgo masculino. Segundo Wollstonecraft “*fuerzan a todas las mujeres, al negarles los derechos políticos y civiles, a permanecer confinadas en sus familias*”.⁶⁰

⁵⁹ *Idem*, p. 207 e 196, respectivamente.

⁶⁰ *Idem*, p. 110.

Essa situação levava as mulheres a buscar o casamento acima de tudo, pois este se configurava enquanto uma das suas únicas chances de respeitabilidade social ou mesmo de mera sobrevivência. Corrompidas por sua situação social, sem outra escolha a não ser viver sob a “dependência masculina”, as mulheres:

(...) para encumbrarse en el mundo y tener libertad de correr de un placer a otro deben casarse con ventaja y a este objeto sacrifican su tiempo y a menudo prostituyen sus personas legalmente.

(...) se casan simplemente para mejorar.⁶¹

No melhor dos casos não lhes restava outra alternativa além de tentar exercer formas ilícitas de poder, que corrompiam por igual a dominadores e dominados. Ou seja, as mulheres utilizavam-se do poder que tinham sobre os sentidos dos homens e a habilidade de dissimular adquirida pela necessidade que tinham de moldar sua conduta incessantemente aos desejos masculinos, para conseguir o que queriam, exercendo poder ilicitamente. Segundo Wollstonecraft: “(...) si no se permite a las mujeres disfrutar de derechos legítimos, volverán viciosos a los hombres y a si mismas para obtener privilegios ilícitos”.⁶² Ela procurava mostrar que as convenções sociais que impediam às mulheres o “exercício ativo da virtude” as

⁶¹ *Idem*, p. 189 e 212, respectivamente.

⁶² *Idem*, p. 112.

transformavam, na verdade, em “seres envilecidos”, mestras na arte das aparências e no cultivo dos enganos.

Observamos assim, que para Wollstonecraft o estado vicioso em que se encontrava o feminino era explicado, particularmente, pela situação de extrema dependência em que se encontravam as mulheres e o tipo de educação que vinham recebendo. Ao criticar a última, a autora destinou especial atenção aos livros de conduta escritos para o feminino:

*Atribuyo una de las causas de este florecimiento estéril (das mulheres) a un sistema de educación falso, organizado mediante los libros que sobre el tema han escrito hombres que, al considerar a las mujeres mas como tales que como criaturas humanas, se han mostrado más dispuestos a hacer de ellas damas seductoras que esposas afectuosas y madres racionales.*⁶³

Nesta tarefa, debruçou-se, particularmente, sobre uma das mais influentes obras pedagógicas do período, o Emílio de Rousseau. Rousseauiana impenitente em todos os aspectos, a admiração de Wollstonecraft não podia deixar de se transformar em decepção, ao perceber que até mesmo Rousseau, quando se tratava do “caráter e destino das mulheres”, era incapaz de distinguir entre realidade e representação, entre ser e parecer.

Rousseau acreditava que as mulheres eram inferiores aos homens, tanto física, quanto intelectualmente. Necessitavam, por

⁶³ *Idem*, p. 100.

isso, ser guiadas e protegidas pelo sexo oposto, mais forte e capaz em todos os sentidos. Por necessitar muito mais dos homens que elas, as mulheres, instintivamente, procuravam agradar e atrair os homens. Por acreditar que nossas inclinações naturais são boas e corretas, Rousseau recomendava que tais características fossem desenvolvidas e cultivadas através de uma educação específica para o feminino. Podemos afirmar, dessa forma, que Rousseau encarava a dependência e inferioridade feminina como naturais. Um ponto de vista completamente contrário ao de Wollstonecraft, que não concebia a desigualdade e hierarquia naturais entre os sexos. Enquanto Rousseau defendia uma educação diferenciada, visando o desenvolvimento das virtudes próprias a cada sexo, Wollstonecraft não acreditava na existência de âmbitos separados ou alheios no exercício da razão e no desenvolvimento das virtudes. Essa visão antagônica levou nossa autora a desenvolver duras críticas às concepções de Rousseau sobre natureza e educação femininas.

Em relação às idéias de Rousseau sobre uma educação que levasse a mulher a cultivar o recato, a beleza, a debilidade e a astúcia, ou seja, àquelas qualidades próprias para atrair e “prender” os homens, Wollstonecraft contesta:

(...) solo se trata da educación del cuerpo,

(...) para hacerles débiles y lo que algunos pueden llamar bellas, se descuida el entendimiento

(...) se educa a niñas para ocuparse de sus personas y regular la conducta exterior

(...) he afirmado que en la educación de las mujeres estos principios fundamentales conducen a un sistema de astucia y lascivia.⁶⁴

Para a autora, este tipo de instrução não satisfazia o objetivo primordial da educação dentro do pensamento ilustrado, que era moldar um ser humano ideal: racional, emancipado e, principalmente, autônomo no uso de sua razão. A educação feminina proposta por Rousseau encontrava-se muito longe de atingir tal ideário, pois não se educava as mulheres para fazerem uso de seu próprio entendimento, ao contrário: “*al no concedérseles entendimiento, era conseqüente someterlas a una autoridad independiente de la razón*”⁶⁵, ou seja, à tutela masculina, a serem guiadas pela razão dos homens.

Percebemos, dessa forma, que para Wollstonecraft não existia distinção natural entre as capacidades e funções dos homens e mulheres nem, por tanto, critérios naturais (ou divinos) de subordinação das últimas aos primeiros. Naquele contexto, entretanto, a maioria das mulheres se encontrava subordinada e, assim como o restante da sociedade, se sujeitava a essa situação, encarando-a como natural.

⁶⁴ *Idem*, p. 217.

⁶⁵ *Idem*, p.221.

Ao procurar explicar esse paradoxo, Wollstonecraft conseguiu avançar em dois argumentos decisivos. Por um lado, percebeu que as respostas individuais são, sobretudo e em primeiro lugar, respostas a situações sociais. Ou seja, o que transformaria as mulheres em “inferiores” e as levaria agir como tais, seria sua situação e não sua natureza. Por outro, que as atitudes e expectativas que perpetuavam a debilidade feminina, institucionalizadas por uma série de textos, de práticas e de valores sociais que utilizam uma linguagem insidiosamente naturalizada, alienavam as mulheres de sua verdadeira natureza e de seus verdadeiros interesses. O resultado era uma auto-representação artificial que as impediam distinguir, tanto nelas como na sociedade em seu conjunto, seus reais desejos e aspirações.

Por que reivindicar um novo lugar para o feminino?

Ao diagnosticar o estado vicioso em que se encontrava o feminino, Wollstonecraft reivindicou um novo lugar para as mulheres. O fez em nome do gênero humano, pensando no bem estar de toda a humanidade. A seu ver, se as mulheres fossem educadas de forma diferente, através do cultivo de seu próprio entendimento e do desenvolvimento de suas verdadeiras virtudes, seriam seres humanos melhores e, conseqüentemente, melhores mães, esposas e cidadãs:

Si los hombres rompieran con generosidad nuestras cadenas y se contentaran con la camaradería racional en lugar de la obediencia servil, hallarían en nosotras hijas más obsequiosas, hermanas más afectuosas, esposas más fieles y madre más juiciosas; en una palabra, mejores ciudadanas.⁶⁶

Wollstonecraft exige para o feminino a mesma educação destinada ao sexo oposto, porque deseja que a mulher seja a companheira do homem e não sua mera subordinada. Segundo a autora, a mulher que

ejercita su mente se convertirá en la amiga de su marido, en lugar de ser una humilde subordinada; (...) merece su estimación, no le parecerá necesario disimular su afecto o pretender una frialdad innatural para excitar las pasiones de su marido.⁶⁷

Podemos dizer que para tal pensadora, essa mudança na educação feminina operaria uma profunda mudança no modelo de casamento vigente naquele contexto. A esposa não necessitaria mais fazer uso de expedientes ou artifícios para atrair e manter a atenção do marido, como recomendado por Rousseau. Sendo igual a ele, seria sua companheira, merecedora de sua estima e admiração. Não podemos deixar de frisar, nesse sentido, que Wollstonecraft atribuía muito mais valor à estima e à amizade no casamento que à paixão ou

⁶⁶ *Idem*, p. 325.

⁶⁷ *Idem*, p. 142.

amor. Os últimos, segundo ela, eram inconstantes e passageiros, resistindo pouco mais que ao início da vida a dois.

Conforme BURDIEL, essa negação da paixão, do amor e algumas passagens, inclusive do desejo sexual⁶⁸ se deveu em grande parte ao desejo de Wollstonecraft de desacreditar a idéia da mulher como mero objeto sexual.

Como visto anteriormente, para Wollstonecraft até mesmo a função materna estava sendo prejudicada pelo estado vicioso em que se encontrava o feminino. Segundo ela “*el cuidado de los hijos en su infancia es uno de los grandes deberes unidos al carácter femenino por la naturaleza*”. Utiliza tal dado para amparar sua reivindicação por uma nova educação para as mulheres:

*sólo quiero insistir en que si no se amplía el entendimiento de la mujer y se vuelve más firme su carácter, nunca tendrá el suficiente juicio o el suficiente dominio de si misma para dirigir a sus hijos con propiedad.*⁶⁹

Conforme BURDIEL, Wollstonecraft era também a favor que se educasse as mulheres para possuírem um ofício ou uma carreira⁷⁰, ou seja, para serem independentes economicamente. Ao seu ver isso livraria as mulheres de inúmeros contratempos, reflexos da situação de extrema dependência em que se encontravam. Entre estes nossa

⁶⁸ *Idem*, p. 144.

⁶⁹ *Idem*, p. 329.

⁷⁰ *Idem*, p. 322.

autora assinala a difícil situação das mulheres que não conseguiam contrair matrimônio e que, sem ofício algum, tinham que depender da liberalidade de parentes. Também frisa a situação preocupante das viúvas que, acostumadas a depender dos esposos para tudo, não possuíam capacidade de manter a família satisfatoriamente depois da morte deles.⁷¹

Para Wollstonecraft, uma educação que preparasse as mulheres inclusive para serem independentes economicamente, livraria as mulheres solteiras do “amargo pão da dependência”⁷² e possibilitaria às mães e viúvas organizar suas vidas e levar seus assuntos de maneira mais racional. Além disso, não necessitando mais se casar para sobreviver, não o fariam por interesse, tampouco achariam que o principal objetivo de sua existência era enfeitar suas pessoas para conseguir um marido para mantê-las. Segundo Wollstonecraft: “*podrían dedicar-se a tareas muy diferentes si se las educara de manera más ordenada, lo que salvaría a muchas de la prostitución común y de la legal.*”⁷³

Ao analisar os direitos que Wollstonecraft reivindicou ao feminino, pudemos observar que ela estava profundamente comprometida com os ideários iluministas. Também percebemos que ela quase não se preocupou com as tradicionais reivindicações feministas, ou seja, com os aspectos jurídicos-políticos. Na realidade

⁷¹ *Idem*, p. 196-197.

⁷² *Idem*, p. 198.

⁷³ *Idem*, p. 322.

sua principal preocupação era abordar a questão da formação da identidade feminina, centrando sua discussão na dimensão cultural da opressão das mulheres.

Podemos afirmar, nesse sentido, que Wollstonecraft procurou compreender o que transformava grande parte das mulheres em seres passivos, cujo principal objetivo consistia em buscar o matrimônio. Como vimos, isso se explicava, principalmente, devido à situação de extrema dependência em que as mesmas se encontravam e a educação que recebiam. Ambos reforçavam o estereótipo feminino dominante naquele contexto, que concebia as mulheres como “naturalmente” dependentes, sem quaisquer possibilidades de viverem sem a supervisão masculina.

Desejosa de mudar tal situação e fazer das mulheres membros mais úteis e respeitáveis da sociedade, Wollstonecraft exigiu para elas a mesma educação destinada aos homens e a possibilidade de exercerem profissões, ou seja, a possibilidade de serem independentes econômica e mentalmente. Para a autora, isso livraria as mulheres de viver exclusivamente sob a dependência masculina e, conseqüentemente, de se preocuparem unicamente em agradar e atrair os homens, moldando seus desejos e comportamentos às imposições masculinas.

Percebemos assim, que Wollstonecraft se preocupou muito mais em mudar formas de agir e pensar das próprias mulheres, do que com os aspectos legais. Parece-nos que ela acreditava que assim as próprias mulheres estariam aptas a conquistar seus direitos. Ou

seja, diferente dos filósofos que também defenderam a igualdade entre os sexos e que também reivindicaram importantes direitos para o feminino, Wollstonecraft defendeu, a nosso ver, uma “verdadeira igualdade”, pois não tratou as mulheres como objetos, mas sim como agentes de sua transformação.

Concluimos assim, que Wollstonecraft conseguiu elaborar um discurso bastante crítico em relação ao feminino, diferente da maioria dos iluministas, que legitimaram o lugar da mulher naquele contexto, distinto inclusive daqueles que defenderam a igualdade entre sexos. Pensamos que o que lhe permitiu tal diferencial foi sua condição feminina. Ela conhecia as dificuldades e limitações enfrentadas pelas mulheres. Não as tinha vivenciado, enfrentado e superado?

Bibliografia

- BADINTER, Elisabeth. **Condorcet, Prudhomme, Guiomar... Palavras de homens (1790- 1793)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- BURDIEL, Isabel. “Introducción” In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Vindicación de los derechos de la mujer**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.
- CASSIRER, Ernst. **Filosofia do Iluminismo**. Campinas, Ed. Da Unicamp, 1994.

- CRAMPE-CASNABET, Michele. “A mulher no pensamento filosófico do século XVIII”. In: DUBY, G. e PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente**. Do Renascimento ao Século das Luzes. Vol. 3, Porto: Afrontamento, 1994.
- DULONG, Claude. “Da conversação à criação”. In DUBY, G. e PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente**. Do Renascimento ao Século da Luzes. Vol. 3, Porto: Afrontamento, 1994.
- FALCON, Francisco J. C. **Iluminismo**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- FORTES, Luiz R. Salinas. **O Iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- GODINEAU, Dominique. “A mulher”. In: VOVELLE, Michel. **O homem do Iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. “Revolução Francesa: A viragem” In: DUBY, G. e PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente**. Século XIX. Vol. 4, Porto: Afrontamento, 1994.
- TOMALIN, Claire. **Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft**. Barcelona: Montesinos, 1993.
- VINCENT, Bernard. **Thomas Paine: O revolucionário da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

VOVELLE, Michel. **O homem do Iluminismo**. Lisboa, Editorial Presença, 1997.

WOLFF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

WOLLTONECRAFT, Mary. **Vindicación de los Derechos de la Mujer**. Trad. de Carmen Martínez Gimeno. Madri: Cátedra, 2000.